

# Figurações dramáticas de Job – da matriz bíblico-teológica a algumas variações literárias

Dramatic representations of Job – from the biblical-theological matrix to some literary variations

José Cândido de Oliveira Martins

Universidade Católica Portuguesa (CEFH)<sup>1</sup>  
martins.candido@gmail.com  
ORCID: 0000-0002-7970-8794

**Palavras-chave:** Bíblia; Job; sofrimento; representações literárias; literatura portuguesa.  
**Keywords:** Bible; Job; suffering; literary representations; Portuguese literature.

## 1. Da matriz bíblico-teológica ao mito literário

*A Ilíada* é grande somente porque toda a vida é uma batalha, a *Odisseia* porque toda a vida é uma viagem, o livro de *Job* porque toda a vida é um enigma. (G. K. Chesterton)

Sabemos bem como o homem sempre precisou da mitografia para, numa linguagem simbólica e alegórica, pensar os mistérios da existência do mundo e a complexidade da condição humana. Desde os mitos herdados da Antiguidade greco-latina, de permanência e reinterpretação multissecular, aos designados *mitos do individualismo moderno* (Fausto, Dom Quixote, Don Juan ou Robinson Crusué), de que nos fala Ian Watt (1997), as narrativas mitográficas contam ainda com as figuras de matriz bíblico-religiosa, como é o caso da personagem de Job.

Afinal de contas, estamos perante fontes privilegiadas da mundividência Ocidental. No caso da Bíblia, nunca é demais salientar a famosa tese do canadiano Northrop Frye (2021), *O Código dos Códigos: a Bíblia e a Literatura*. O consagrado

<sup>1</sup> Estudo desenvolvido no âmbito do Projeto Estratégico do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH) UIDB/00683/2020, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

crítico perspectiva a Bíblia como uma influência verdadeiramente fundacional da tradição artística e literária do Ocidente, ao nível da linguagem dos mitos e das metáforas, desde logo. Por conseguinte, não conhecer a Bíblia, os seus livros e as suas figuras maiores, equivale a não conseguir interpretar grande parte dessa tradição cultural e literária ocidental, concebida como um magno *código* de outros códigos compositivos de diversas artes, da Música à Pintura, passando pela Literatura. No caso de que nos ocupamos, este ensaísta defende mesmo que a literatura ocidental dará voltas sucessivas ao Livro de Job como um satélite em torno de um tema central e intemporal.

Incluído nos Livros Sapienciais da *Bíblia*, o Livro de Job retrata-nos um homem justo, inquieto e, sobretudo, revoltado, através de uma estrutura complexa de natureza dialógica, pois somos confrontados com vários discursos em interação de vozes. Com efeito, este livro de urdidura literária encena-nos a história de um homem inesperada e dramaticamente despojado dos bens mais preciosos. Como nos lembra Robert Alter (2017, p. 102 ss.), um dos traços mais marcantes da escrita de vários livros da Bíblia é a inclusão do diálogo na narração, processo enriquecido com algumas técnicas de repetição. A primazia do “diálogo contrastivo” (ou do monólogo), com o recurso ao discurso falado ou directo (evitando o indirecto) confere manifesta força e “vivacidade dramática” a textos como o Livro de Job (cf. *ibidem*, pp. 115, 109)<sup>2</sup>.

Em pleno romantismo europeu, J. W. Goethe sustentou que o livro bíblico de Job funde poesia, religião e filosofia. Não por acaso, Lord Byron qualifica o Livro de Job como o “primeiro drama do mundo”. Já Kierkegaard considerava Job, paciente e rebelde, um “mestre de humanidade”, pelo que o ser humano lhe deveria seguir as pegadas, pondo os olhos no exemplo de Job. Posteriormente, Carl G. Jung considera o mesmo livro a partir do drama da consciência humana colectiva, perante um Deus colérico, que se deixa convencer pelo seu filho satã. Para estes e muitos outros autores, Job personifica o grito de demanda pelo sentido da existência humana, numa tentativa de justificar o próprio divino (cf. Trebole & Pottecher, 2011, pp. 196 e ss.).

Nesta sequência, é legítimo ler-se o Livro de Job como uma exemplar *tragédia* humana em vários actos, a começar pela prosperidade em que vive um homem rico e bom; passando pela perda da felicidade e pelo amaldiçoamento do acto de ter nascido; e a terminar nas sucessivas lamentações, quando se vê injustiçado, incompreendido e espoliado da sua felicidade. Os diversos procedimentos retóricos de linguagem (a interrogação, a interjeição, a repetição, a ambiguidade, a hipérbole, a intensificação, etc.) contribuem para a força dramática do texto<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Para uma exegese teológica do livro de Job da Bíblia, merecem destaque os aprofundados comentários de Adelheid Hausen (1972), William R. Farmer *et alii* (2000), Dan Mathewson (2006) e de Julio Trebole & Susana Pottecher (2011). De facto, multiplicam-se na actualidade as leituras do Livro de Job, nas suas abordagens plurais, sobretudo no mundo pós-moderno: leituras teológica, filosófica, antropológica, existencialista, psicológica, feminista, ecológica, etc.

<sup>3</sup> Uma análise retórico-linguística do livro bíblico de Job, nomeadamente dos caps. 32-37, mostra-se muito elucidativa, ao nível da composição textual acerca do desenvolvimento do drama representado, no sentido de “evidenciar o papel que os discursos desenvolvem no drama do livro de

Enfim, no relato do Livro de Job estamos claramente perante uma “narração presa ao diálogo” ou ao monólogo (Alter, 2017, p. 122), numa composição discursiva apta para o profundo mergulho na interioridade da condição humana.

Nesta sequência de pensamento, se há um tópico axial no relato dramático deste Livro de Job ele reside na confissão da “miséria humana perante o silêncio de Deus” (Brunel, 1997, p. 525). Contudo, considerando-se um homem bom e justo, Job não compreende o sofrimento que lhe é infligido, sendo Deus magnanimamente justo. Aqui radica o tema intemporal, entranhadamente teológico e antropológico – no fundo, a busca de explicações para conferir um sentido ao sofrimento humano. De outro modo, cabe a interrogação sobre a presença de Deus diante da dor humana, não se deleitando nas provações que lança sobre o homem, por um lado; nem permanecendo insensível e alheio diante do prolongado sofrimento humano, por outro.

Como facilmente se infere, esta temática presta-se a um tratamento trágico, com a confluência no livro bíblico de diversas vozes, enunciando vários pontos de vista. Essas vozes dramáticas não só abordam a reacção concreta do torturado Job e a sua circunstância, como sobretudo contribuem para a abordagem dos tópicos correlacionados com o tema em questão: desde a *paciência* sofredora de Job, até à sua reacção de *revolta* diante da Providência. E sempre a narrativa bíblica se apresenta como subtexto inspirador, por vezes recorrendo-se ao diálogo intertextual explícito – esse é o caso do famoso soneto de Camões (1994, p. 182), “O dia em que eu nasci moura e pereça”, citando explicitamente a narrativa bíblica do Livro Job (3, 3)<sup>4</sup>.

A propósito da referência a Camões, convém mencionar a existência de estudos que se detêm a traçar os ecos de Job na literatura medieval e clássica portuguesa, dando-nos uma panorâmica bem ilustrativa dessa presença e do seu significado<sup>5</sup>. Nesses e em outros estudos, ora se reafirma genericamente a presença fecunda da Bíblia e da figura de Job, em particular, em vários autores, desde os primórdios medievais da literatura portuguesa, culminando no *Cancio-*

---

Job”, como demonstrado por L. M. Almendra (2006). Aliás, para a compreensão da composição do texto bíblico e da própria retórica de Deus, também Michael V. Fox (2018) realça o importante significado da estrutura narrativa do prólogo e do epílogo enquanto premissas do livro bíblico. Nesta linha hermenêutica, também merece referência o estudo de John Kuriakose (2016, p. 74), debruçando-se sobre organização estrutural do Livro de Job como “drama retórico greco-hebraico”, na senda dos códigos compositivos propostos por Aristóteles no seu tratado sobre Retórica: “A careful look at the form of The Book of Job reveals that for its structural organization, its author has relied much on the form of Greek rhetoric, which Aristotle explains in his work, *On Rhetoric*”. Também Ariel Hirschfeld, no ensaio “Is the Book of Job a Tragedy?”, explora as semelhanças inesperadas entre a tragédia grega e o Livro de Job (in Leora Batnitzky e Ilana Pardes, 2015, pp. 9-36).

<sup>4</sup> O texto camoniano encena o drama da “vida / mais desgraçada que jamais se viu”, merecendo a Vítor Aguiar e Silva (1971, p. 275) o comentário: “nenhum poeta, porém, logrou exprimir como Camões os paradoxos da dor que explode em gritos, a angústia de uma existência despedaçada, a melancolia de um viver sem lume de esperança.”

<sup>5</sup> Estudos críticos sobre a presença da Bíblia e da figura de Job, como os de Mário Martins (1979), de Maria Bocchichio (2012) e Paulo da Silva Pereira (2012), entre outros.

*neiro Geral* de Garcia de Resende, em peças de teatro de Gil Vicente ou na poesia de Sá de Miranda ou nos comentários do humanista português Jerónimo Osório (*Paráfrase ao Livro de Job*); ora se particulariza o significado de obras menos conhecidas, como a curiosa paráfrase bíblica das *Lições de Job* de Pedro da Costa Perestrelo; ora se reafirma sobretudo a significativa presença da figura mítica de Job especialmente na poesia maneirista, em autores como Luís de Camões e outros.

Neste contexto, é justamente na referida reacção pendular (entre resignação e sublevação) que se joga o intemporal mito de Job – paciência e revolta, súplica e provocação –, entre a passividade mais ou menos resignada diante da Providência e a ousada recusa perante o sofrimento injusto. Como se presenciássemos um Job bifronte, ora o homem justo e reverenciador da Divindade; ora o homem revoltado diante do Criador, dotado de um ímpeto quase prometeico<sup>6</sup>.

Perante a riqueza simbólica e existencial desta narrativa de matriz bíblica, não surpreende que o imaginário literário tenha encontrado nestes motivos conjugados um tema ao mesmo tempo espetacular e dramático, mas sobretudo de espessura religiosa e antropológica, centrado no homem repentinamente destituído dos seus bens mais precisos, despoletando a *imaginação moral* (cf. Himmelstorf, 2018), de rica tradição literária ocidental ao longo de séculos<sup>7</sup>. Anote-se que a poderosa inspiração do sugestivo mito se estende a outras artes, como a pintura de George de La Tour (*Job raillé pour sa femme*) ou as conhecidas ilustrações de Gustave Doré e de William Blake.

Face ao afirmado, a figura bíblica de Job transformou-se, inquestionavelmente, num dos grandes mitos literários de todos os tempos. O consagrado crítico Harold Bloom (2008, p. 24 e 25) mostra-se peremptório ao declarar que “Job é o maior triunfo estético da Bíblia Hebraica”; e ainda que “Job é um dos grandes poemas deste mundo”, na senda de obras imortais sobre a sabedoria humana, a par do *Eclesiastes*.

Depois deste enquadramento geral, de seguida, fiquemo-nos pela viagem sobre algumas variações de Job na literatura portuguesa, focando especialmente a encenação do *drama* humano da crença (oscilando entre a aceitação e a rebel-

<sup>6</sup> Por isso, Salma Ferraz (2008, p. 74) fala, pertinentemente, da *teologia do sofrimento* de Job, “pois nele, pela primeira vez, o carácter e a justiça de Deus são questionados por um pobre mortal que sofre muito além das suas forças. Em verdade o confronto não se dá entre Satanás e Jó, mas sim entre Deus e Jó”, realçando-se a figura de Deus como o “grande tentador” do ser humano e Job como o ser humano que tenta emancipar-se de um Deus onnipotente.

<sup>7</sup> Para o estudo da muito extensa recepção literária e cultural do mito de Job, entre outras fontes de informação reveladoras da permanência multissecular do mito, revelam-se muito informativos os estudos de P. Brunel (1997, pp. 524-529); M. Bochet (2000); Trebole & Pottecher (2011, pp. 186-210); Leora Batnitzky e Ilana Pardes (2015); e Anthony C. Swindell (2023, pp. 469-492). Estes e outros estudos procuram responder, entre outras questões, à pergunta geral formulada por Leora Batnitzky e Ilana Pardes (2015): “The Book of Job has held a central role in defining the project of modernity from the age of Enlightenment until today. What makes the Book of Job such a prominent text in modern literature and thought?” Afinal de contas, a dimensão estético-literária da Bíblia é uma descoberta iluminista (“Job revival”), desenvolvida especialmente a partir da modernidade do século XVIII, de Edmund Burke e de J. G. Herder, entre outros, que tendem a ver no Livro de Job a encenação de uma tragédia.

dia), personificado na figura bíblica de Job. Vejamos algumas representações selecionadas desse continuado olhar dramático que atravessa séculos. Como se encena esse drama antropológico?

## 2. Variações literárias – I

La corde du bonheur se brise sur sa lyre,  
Et Job en tire un son triste comme le sort.

Lamartine, *Méditations Poétiques*

Na literatura romântica e pós-romântica, de acordo com a sua estética e psicologia, mais do que a figura do homem crente e sofredor, destaca-se especialmente a imagem do Job rebelde, personificação da tristeza do homem e da sua nostalgia de infinito. Em certo sentido, neste olhar especial, Job é o Titã da resignação e da dor, como Prometeu.

Com efeito, culminando uma tradição bíblico-literária anterior, a modernidade romântica redescobriu Job como “triste testemunha da nostalgia de infinito” (Brunel, 1997, p. 526), sobretudo como a encarnação do homem revoltado (*hybris*), símbolo da reacção da humanidade diante da divindade. Pronunciando-se sobre o Livro de Job, o poeta romântico francês Alphonse Lamartine, o autor de *Méditations Poétiques* [1820], não hesitou em declarar o Livro de Job “o monumento mais sublime da alma humana” (Hausen, 1972, p. 145). O poeta oitocentista é um exemplo, entre muitos outros, de escritores que sentiram inspirados e identificados com o drama humano e religioso da figura de Job. Assim, no XI<sup>o</sup> Entretien de *Cours Familier de Littérature* (Lamartine, 1856, pp. 329-408), intitulado “Job lu dans désert”, o poeta francês mostra-se categórico:

Voici, selon nous, le plus sublime monument littéraire, non pas seulement de l'esprit humain, non pas seulement des langues écrites, non pas seulement de la philosophie et de la poésie, mais le plus sublime monument de l'âme humaine. Voici le grand drame éternel à trois acteurs qui résume tout; mais quels acteurs! DIEU, L'HOMME ET LA DESTINÉE! (*ibidem*, p. 329)

Porém, o autor deste *Cours* vai mais longe nas suas considerações – se houvesse um cataclismo global e a raça humana desaparecesse, e fosse necessário preservar um espelho fiel da condição humana para uma nova raça superior, esse documento vivo seria o bíblico Livro de Job:

Nous n'hésitons pas à dire que, si l'espèce humaine devait disparaître tout entière de la terre (ce qui est possible) pour faire place sur ce petit globe à une race plus parfaite et plus intelligente, et qu'il ne dût y avoir qu'une seule oeuvre de l'homme sauvée de ce cataclysme, c'est le poème de Job qu'il faudrait sauver de préférence du naufrage ou de l'incendie. Il suffirait seul à servir d'épitaphe à l'humanité morte et à immortaliser à jamais le génie humain devant sa postérité inconnue. (*ibidem*, p. 330)

Partindo deste panegírico de Lamartine ao monumento mais sublime da alma humana (cf. Barbosa, 2024), podemos desenhar alguns contornos do dramático mito: o homem rico e justo, subitamente espoliado dos seus bens e dos seus filhos, à mercê da justiça ou injustiça de Deus, torna-se ao longo dos séculos num símbolo do ser humano desesperado, em sucessivas lamentações de alma, perante os amigos e a Providência, diante da sua dor angustiante e verdadeira. A luz da tradição da Teodiceia, como interpretar o sofrimento humano, diante do exemplo ilustrativo e pungente de Job? Como um exercício de por à prova a sua fé e de a purificar? Como modo de demonstrar o carácter efémero da prosperidade e da felicidade humanas?

Partindo justamente da sugestão de Lamartine – que falava no “grande *drama* eterno com três actores” (Deus, o Homem e o Destino) –, é tentador acentuar o modo como sucessivas *variações* literárias da figura e do tema de Job exploraram essa dimensão dramática e teatral, sejam elas pertencentes ao género teatral, poético ou outra forma genológica e discursiva. Ora, na Literatura Portuguesa, como em outras literaturas, o que presenciamos são, de facto, glosas ou representações acentuadamente teatrais deste *drama em gente*, como também salientado por diversos estudiosos do mito ao longo dos tempos: “(...) devemos assinalar que, de todos os géneros literários utilizados, é sem dúvida alguma a *forma teatral* aquela que melhor convém à ‘ressurreição’ do mito” (Brunel, 1997, p. 527, itálico nosso).

Tomemos alguns exemplos bem ilustrativos dessa tendência para a *composição dramática* ou leitura cénica da herança literária do mito de Job, ora se sublinhando mais a sua passiva angústia, ora um sentimento agónico de revolta, numa palavra, na figura do homem justo e bom, mas abandonado e torturado. Desde séculos mais remotos até ao existencialismo mais contemporâneo, mais ou menos céptico e descrente, sobretudo na actual era secular, a figura de Job paira de forma muito fecunda, inspiradora e quase tutelar, tal o realismo dramático e agónico da sua atitude, profundamente humana.

Ora, a forma teatral adoptada pela reescrita do mito de Job na Literatura Portuguesa é, desde logo visível, em dois autores – primeiro, ocorre num “auto” de Gil Vicente (1962), *Breve Sumário da História de Deus [1527]*: em diálogo com as figuras alegóricas do Mundo, do Tempo e da Morte, além de Satanás, Job aparece-nos em cena como homem “triste com causa de ter gram tristeza”, para logo nos dar conta da terrível mudança operada na sua existência, suscitando-lhe uma interpretação moral e resignada: “O bem que é mudável não pode ser bem, / mas mal, pois he causa de tanta tristeza” (1962, p. 113).

Instigado por Satanás, o discurso de Job ganha intensidade dramática, visível na linguagem marcadamente interjectiva e interrogativa, chegando a desejar a Morte: “Oh chagado de mí, que esta he outra demanda! / Oh Deos meu! E porque me persegues?” (1962, p. 114). A dor do Job vicentino passa mais pelo silêncio de Deus, de uma divindade que lhe esconde a sua face, do que pela perda dos bens ou riquezas, deixando o miserando humano entregue a um incompreensível sofrimento, amaldiçoando o dia do seu nascimento, como no célebre soneto camoniano (cf. 1962, p. 115). Face ao apelo dramático da figura de Job, não espanta a sua presença como tema glosado na literatura barroca – como salientado também pela escrita de Nuno Júdice (2007, p. 32): “«Os meus dias passaram», escreve

Job, no livro / que a terra encheu de seca melancolia, para que os barrocos glosassem / o seu conteúdo”. Metaforicamente falando, as sucessivas interpretações do Livro de Job tornaram-no pleno de “seca melancolia”, como marca de uma contínua glosa, na sucessão de leituras variadas, mais livrescas do que dotadas de dramática espessura humana.

Como nos lembram alguns estudiosos, à figura medieval de um “Job paciente” sucede com a chegada do Renascimento a redescoberta de um homem estóico, de resistência face à adversidade. Por outras palavras, a face de Job vai-se alterando com a mundividência de cada época, no mutável *theatrum mundi* – o mundo é um teatro –, segundo o famoso *topos* do Siglo de oro espanhol (cf. Trebole & Pottecher, 2011, pp. 186 e ss.). Aliás, estes investigadores falam mesmo do “potencial intrínseco de teatralidade para la representación escénica” a partir da figura de Job no teatro espanhol dos sécs. XVI e XVII, sobretudo<sup>8</sup>.

Em similar registo teatral se apresenta o *mistério* de António Correia d’Oliveira (1932), intitulado *Job (Mistério em quatro visões)*, sob a forma de lamentações, cada uma delas protagonizada por uma entidade distinta, como se fossem quatro *actos* do drama existencial de Job, a saber: a Lei, Satan, a Dor e a Graça. Num cenário determinado por uma forte estesia neo-romântica e nacionalista, de fundo rural, patriótico e cristão, o leitor-espectador assiste às sucessivas etapas da agonia de alma de Job. Mas sempre sobressai a imagem de um homem justo que não chega a revoltar-se verdadeira e agonicamente, porque nunca se afasta de um sentimento de resignação perante a Providência e de um omnipresente horizonte final de Salvação.

Já na modernidade, encontramos outros autores que assumidamente se insurgem contra uma antropologia optimista, assente numa visão idealista do progresso civilizacional e humano, como sustentado pelo pensamento de Leibnitz. Essa visão céptica e distópica, com Job como pano de fundo, já nos aparece delineada no *Cândido* [1758] de Voltaire. De facto, perante as sucessivas tragédias humanas e as mais diversas manifestações do Mal, como acreditar que tudo vai candidamente pelo melhor dos mundos? Este cepticismo agudiza-se no *teatro do absurdo* vivido pela sociedade contemporânea, atravessada por duas Grandes Guerras e outros cenários de barbárie, profundamente disfóricos:

Job es el personaje bíblico más representativo de un siglo de angustias existenciales y de castástrofes apocalípticas. Es figura del hombre del siglo XX, que parece víctima de un Dios cruel complacido en golpear a su creatura y en abandonarlo a un mundo absurdo. (Trebole & Pottecher, 2011, p. 204).

<sup>8</sup> Entre os exemplos mais salientes contam-se os textos de Frei Luís de León, *Exposición del libro de Job* e também *La constancia y paciencia del Santo Job*. Também Caderón de la Barca, o autor de *El Gran teatro del mundo*, elabora uma paráfrasedo monólogo de Job a amaldiçoar o dia do seu nascimento, chegando a invocar-se o Job bíblico expressamente. Ao mesmo tempo, Também M. Cervantes e F. Quevedo, até na experiência do cárcere, se identificaram com a figura e a psicologia do Job bíblico.

Para estes investigadores, há um estudo que enumera nada menos que sessenta e seis *dramas* contemporâneos inspirados na figura bíblica de Job, muitas vezes imersos em pessimismo, sem a possibilidade de qualquer reconciliação com Deus, podendo falar-se mesmo de um anti-Job na escrita de um Bertolt Brecht ou de Albert Camus, entre outros exemplos (cf. Trebole & Pottecher, 2011, pp. 205-206). Tudo se mostra muito elucidativo da componente dramática que reveste esta figura de matriz bíblica.

### 3. Variações literárias – II

Salomão e Job são os que melhor conheceram e falaram da miséria do homem: um, o mais ditoso, e outro, o mais desgraçado; um, conhecendo a vaidade dos prazeres por experiência; o outro, a realidade dos males. (Pascal, *Pensamentos*)

Como sugerido, igualmente na escrita poética de vários autores modernos e contemporâneos encontramos ecos da reescrita literária do Job bíblico, também nesse mesmo registo com visíveis procedimentos dramáticos, como o recurso a personagens e ao espectável desenvolvimento dramático. Esse é o caso de dois apreciáveis poemas do finissecular Gomes Leal – primeiro, “A Estátua de Job”, do livro *Fim de um Mundo: sátiras modernas* [1900], em que contracenam e discursam, além do sujeito poético, as figuras de Job, de Satã e de uma Mulher.

Optando pelo terceto, todo o poema surge envolto por uma atmosfera de decadentismo finissecular, destacando-se a cidade imoral e maldita, com a sua igreja velha, tudo exalando o cheiro a ruína e às “podridões modernas” (Leal, 2000, p. 335). Na estrutura dramática, destaca-se o riso sarcástico de Satã perante a decadência cidadina, sobretudo diante da aparente passividade “de um calvo Ermitão de barbas prateadas”, afinal o “patriarca Job da Escritura Sagrada”, tendo estampada no angustiado rosto “o mesmo ar de tristeza infinita” (*ibidem*, pp. 335, 338).

Diante de um Job calado e de olhar fixo no azul celeste, a provocação satânica não se faz esperar: “Por que estás sempre, ó Job, de olhos extasiados / a contemplar o céu impassível e opaco, / – cuidando haver um Deus, pai dos esfarrapados?” (*ibidem*, p. 339). É neste cenário que se ouve o grito desesperado de uma *mulher perdida*, bem típica da decadência moral do mundo moderno de índole baudelaireana. Apelando para a proteção e abrigo de Job, diz-se vítima de violência e de falta de afecto – “Sou a lama, a rameira às turbas apontada. / Passo noites a errar, à chuva, sem ter ceia. / Passam-se dias, Job, em que não como nada!...” (*ibidem*, p. 340). Mas a sofrida *flor do mal* é perseguida pela Lei, pois a justiça humana acusa-a de um pequeno roubo. Perante esta iniquidade, o impassível Job – “ele que desfiara o rosário da Dor” (*ibidem*, p. 342) –, toma uma atitude de acolhimento desta *flor do mal*: “baixou o olhar então, com piedosa maneira, / e, agarrando a infeliz com seus braços d’ estátua, / chegando-a ao coração – defendeu a rameira.” (*ibidem*, p. 342).

O segundo poema do referido Gomes Leal (2001), mais breve e intitulado “Miserere mei!...” (funcionando como refrão em cada final de estrofe), encontra-se

no livro *A Mulher de Luto* [1902]. Aproximando-se congenial e dramaticamente da figura de Job, o sujeito poético evoca a imagem da “piadosa Mulher”, objecto do seu condenável acto de perdição – “Desci, mais do que Job, ao lameiro corrupto” (*ibidem*, p. 308). Todo o texto é um monólogo poético que, em jeito de pungimento ou grito de contrição, um solitário homem (sacerdote) pede perdão, “sentado só, na *Rua da Amargura*” (*ibidem*, p. 308). Perante o pranto e a angústia intensos da Mulher, o novo Job diz ter transposto já os “portais da *Babilónia escura*”, sentindo-se doloroso “órfão” dessa “piadosa Mulher” (*ibidem*, pp. 310, 311).

Um terceiro exemplo de apreciável reescrita do Job bíblico pertence a um poeta contemporâneo, José Régio, como seria expectável na sua poética literária. Em *Biografia*, Régio (1956, p. 71) intitula “Job” um dos sonetos. Recorrendo a uma linguagem interjectiva e a um registo dramático, defrontamo-nos com um sujeito poético que se identifica com o martirizada Job bíblico, ora se interrogando sobre a metamorfose operada na sua existência; ora, expressando um sentimento agónico de revolta, embora resignado à condição de um ser sem salvação.

Por sua vez, em *Poemas de Deus e do Diabo* [1920], o poema “Na praça pública” do mesmo J. Régio (1965, p. 75 ss.) também encena, dramaticamente, uma teatralização da dor, a partir de um “púlpito negro” e através de uma estética do grito e do questionamento, próxima da problematização de Miguel de Unamuno em *A Agonia do Cristianismo*. Mais uma vez, a poesia como linguagem preferencial para o drama de Job.

Neste enquadramento anímico de monólogo angustiado, o sujeito poético identifica-se como pertencente a uma genealogia que remonta ao Job das Escrituras. O estilo é manifestamente dialógico, interjectivo e emocional, num propósito de autognose mais ou menos narcísica: “Desde Job / Que soffro as minhas feridas / E as minhas resignações.” (Régio, 1965, p. 76). A partir desta identificação inicial, Job torna-se alvo de reiterada invocação ao longo do poema, sobretudo de um sujeito torturado e gemente, que se interroga dolorosamente sobre a sua identidade.

É precisamente neste registo – em verso curto, acentuando um ritmo incisivo e dramático – que se assiste, em Régio, à enfática declamação da dor e da interpeção do Criador, à sombra intertextual de Job, de um ser em buca da sua revelação: “Senhor!... / Responde, Senhor, / Meu Autor, / Criador nosso, / Culpado disto que sou! // Por que animaste o esboço / da Obra que te falhou?” (*Ibidem*, p. 78)<sup>9</sup>.

Finalmente, entre tantas outras figurações literárias desta personagem bíblica, merece realce o primordial livro poético de Miguel Torga (1986), *O Outro Livro de Job*, uma das suas primeiras criações poéticas [1ª ed., 1936]. Na sucessão de poemas que o compõe, sobressai um registo tenso e agónico, à maneira da *Agonia do Cristianismo* de seu admirado Miguel de Unamuno. De facto, a iden-

<sup>9</sup> Em *Ateísmo no Cristianismo*, o alemão Ernst Bloch perspectiva o Livro bíblico de Job como “manifesto de la *rebelión* del hombre contra Dios al modo de un Prometeo bíblico” (cf. Trebole & Pottecher, 2011, p. 207). Job personifica o grito humano face à violência do sofrimento. Sobretudo depois do Holocausto nazi de Auschwitz, acentua-se o drama do Job contemporâneo, dividido intensamente entre a fé e a resignação, por um lado; e por outro, a rebelião e a apostasia (cf. *ibidem*, p. 208).

tificação entre o sujeito poético e a figura bíblica está inscrita desde o título, não deixando dúvidas também quanto ao processo de releitura intertextual de fundo dramático, associando sofrimento e revolta: “tal como o patriarca bíblico, o poeta protesta, lamenta-se, lança sobre Deus as suas acusações. Mas contrariamente ao seu irmão na dor e no desafio, ele é um ser torturado pela dúvida e pela descrença.” (Fagundes, 1992, p. 41). Todo o livro torguiano se apresenta como fábula alegórica do revoltado servo de Deus (cf. Torga, 1986, p. 74), numa sucessão de *lamentações*, à procura da ansiada libertação, capazes de pôr fim à condição de homem castrado, afogado em adversidades, sofrimento e provações.

Por outras palavras, o homem torguiano interpela Deus frontal e directamente, de forma assumidamente desafiadora (*hybris*), nivelando-se com a divindade. Deste modo, também nesta poesia torguiana se manifesta uma dimensão dramático-existencial, para encenar a difícil relação do homem com a divindade, sobretudo com as imagens dominante de um sujeito inconformado e desiludido com o mundo circundante. Superando a oposição entre racionalidade e religiosidade, nesta releitura existencialista e dramática do bíblico Livro de Job, acentua-se o conflito interior que dilacera o ser humano em cenário nocturno, com frequentes ressonâncias bíblicas, assomos de pranto e *desespero*, em busca de uma humanidade plena<sup>10</sup>.

#### 4. Conclusão breve

Kierkegaard encontra em Job tanto o desafio socrático como a aceitação de um sofrimento imerecido e a submissão ao mistério do amor divino. (G. Steiner, *Paixão Intacta*)

Definitivamente, Job tornou-se ao longo dos séculos uma figura literária maior, não se estranhando a presença bastante contínua e real do mito bíblico de Job na Literatura Portuguesa de várias épocas literárias. O que nos importa salientar é a dramaticidade intrínseca da narrativa mítica e, sobretudo, o drama existencial nela contido, explicando-se assim, sobejamente, essas múltiplas releituras da inspiradora figura simbólica de Job, de forte simbolismo e impacto antropológico, sobretudo quando o ser humano se interroga, angustiadamente, sobre o sentido do sofrimento, em qualquer época ou cultura, podendo oscilar, de forma mais ou menos dramática, entre a resignação e maldição, entre a crença e a desesperança. Aliás, uma autora contemporânea como Agustina Bessa-Luís (2000, p. 338) mostra-se peremptória ao salientar a “atitude heróica” como símbolo de uma fé com inteligência: “Job é o homem moderno. Recusa-se a viver

<sup>10</sup> Desespero de índole humanista, no sentido explorado por Eduardo Lourenço (cf. 1987): congenialmente rebelde, o ser humano anseia pela liberdade plena, sem limitações de nenhuma espécie, nem do próprio Deus perante os seres criados. Neste sentido, sob a forma de *revolta* contra a ordem imposta, a condição humana vê-se reflectida no Job bíblico, em demanda da desejada *libertação*.

uma fé que apague os limites humanos.” Formulação radical sobre o homem contemporâneo, moldado manifestamente sob o signo de Job.

Por outras palavras, nenhum ser humano aceita ou compreende o sofrimento injusto, sobretudo a dor infligida ou consentida por um Deus criador. Uma das mais reiteradas interrogações da história da humanidade tem justamente a ver com a questão axial do sofrimento inocente ou, mais latamente, com o sentido do sofrimento. No seu diálogo com amigos e com o próprio Deus, homem íntegro e justo, Job é o símbolo maior dessa angústia existencial e moral, permanecendo a sua figura e atitude a ecoar por longos séculos na história do Ocidente tão moldada pelo Cristianismo. Nas meditações aforísticas e radicais do cinismo e niilismo do romeno E. M. Cioran (cf. 2021, pp. 10, 100), Job ergue-se como figura emblemática de uma existência humana absurda, agónica e totalmente vazia de sentido.

No fundo, ecoando sobre os séculos, o memorável solilóquio de Job, meditando consigo próprio, expressa a amargura intemporal perante o sofrimento humano<sup>11</sup>. Mais ainda, coloca-nos perante o tema maior da Teodiceia – a existência do Mal e do sofrimento no mundo, oscilando entre uma concepção ambígua, isto é, entre a bondade e a justiça. À sombra de Dostoievsky (*Crime e Castigo*), talvez se possa afirmar que o Mal excessivo está fora do controlo humano e não pode ser redimido por nenhuma forma de resgate, apenas por acção da pura graça (cf. Trebole & Pottecher, 2011, p. 203).

Da época clássica à contemporaneidade, podemos dizer que vivemos permanentemente “Os dias de Job”, como no título do poema de José Tolentino de Mendonça (2006, p. 29), na representação de um homem / Job errático, ao pensar a sua condição, entre a veneração da divindade e a insinuada revolta, numa imagética de luz e sombra: “Às vezes rezo / sou um cego e vejo / as palavras o reunir / das sombras”. Na sua reescrita dos evangelhos, também José Saramago (2016) recria a figura de um ser humano (Job, “varão íntegro e recto”), transformado em “objecto de uma disputa”, joguete nas mãos de um Deus onnipotente e de um tentador Satanás, “cada qual agarrado às suas ideias e prerrogativas”.

Por tudo o afirmado, é natural e muito expressiva a presença de Job em vários pensadores contemporâneos. Por exemplo, ao tratar a problemática da *simbólica do mal*, Paul Ricoeur (2020, p. 333) convoca a figura emblemática de Job, o servo sofredor, com este pressuposto radical ao falar da Teodiceia a partir deste mito trágico: “a virulência do livro de Job não tem equivalente em nenhuma cultura”. Também não estranha que René Girard (1988) saliente o significado antropológico do *caso de Job* enquanto vítima ou bode expiatório da sua comunidade, à sombra de uma religião primitiva e violenta, com seus mecanismos rituais. Por outras palavras, mais do que vítima de Deus, Job é alvo da violência humana. Também Z. Bauman (2007) selecciona justamente a figura de Job como símbolo maior do

<sup>11</sup> Já alguns Padres da Igreja, como Santo Agostinho, se interrogavam sobre a origem do Mal (*Unde malum?*). Sobre o significado filosófico e antropológico da atitude de Job, nomeadamente sobre a relação entre o homem e o mistério do Mal, cf. Sebastião J. Formozinho & J. Oliveira Branco (2003, pp. 649 ss.).

angustiado homem contemporâneo e correspondente moral pós-moderna, uma moral sem ética.

Em suma, pela selecção de representações literárias apresentadas de cunho dramático, tudo conflui para a intemporalidade da figura bíblica de Job enquanto mito inspirador, com a sua modelar *teologia do sofrimento*, ilustrada e reforçada pelo exemplo eloquente das múltiplas figurações que vai conhecendo em várias épocas da Literatura Portuguesa, à imagem do que acontecem em outras literaturas e outras artes.

## Referências

- Aguiar e Silva, V. (1971). *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa*, Coimbra: Centro de Estudos Românicos.
- Almendra, L. M. (2006). Um debate sobre o conhecimento de Deus: composição e interpretação de Jb 32-37, *Didaskalia*, 36(1), 67-83.
- Alter, R. (2017). *A Arte da Narrativa Bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras (trad. de Vera Pereira).
- Batnitzky, L., & Pardes, I. (2015). *The Book of Job: Aesthetics, Ethics, Hermeneutics*. Berlin/Munich/Boston: De Gruyter.
- Barbosa, D. M. (2024). Um homem crédulo face a um Deus descrente. *Ler (Livros & Leitores)*, 170, 20-21.
- Bauman, Z. (2007). *A Vida Fragmentada: ensaios sobre a moral pós-moderna*. Lisboa: Relógio d'Água (trad. de Miguel Serras Pereira).
- Bessa-Luís, A. (2000). *Contemplação Carinhosa da Augústia*. Lisboa: Guimarães Editores.
- Bíblia*, vol. IV (*Antigo Testamento – Os Livros Sapienciais*, Tomo I). Lisboa: Quetzal, 2018 (trad., apres. e notas de Frederico Lourenço).
- Bloom, H. (2008). *Onde Está a Sabedoria?* Lisboa: Relógio d'Água (trad. de Miguel Serras Pereira).
- Bochet, M. (2000). *Job après Job: destinée littéraire d'une figure biblique*. Bruxelles: Éditions Lessius.
- Bochicchio, M. (2012). Camões e Pedro da Costa Perestelo: aspetos da inspiração bíblica no maneirismo português. In C. O. Martins & M. C. Fraga (eds.), *Camões e os seus contemporâneos* (pp. 149-155). Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos (CIEC), Universidade Católica Portuguesa / Universidade dos Açores.
- Brunel, P. (1997). *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro: José Olympo (trad. de Caros Sussekind et alii).
- Camões, L. (1994). *Rimas*. Coimbra: Almedina (edição de Álvaro J. da Costa Pimpão).
- Cioran, E. M. (2021). *Do Inconveniente de Ter Nascido*. Lisboa: Letra Livre (trad. de Manuel de Freitas).
- Fagundes, F. C. (1992). "Sou um Homem de Granito": Miguel Torga e seu compromisso. Lisboa: Salamandra.
- Farmer, W. R. et alii (2000). *Comentario Bíblico Internacional* (2ª ed.). Navarra: Editorial Verbo Divino.
- Ferraz, S. et alii (2008). *Deuses em Poéticas: Estudos de Literatura e Teologia*. Belém: UEPA / UEPB.
- Formozinho, S. J. & Branco, J. O. (2003). *A Pergunta de Job: o Homem e o Mistério do Mal*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Fox, M. V. (2018). The Meanings of the Book of Job. *Journal of Biblical Literature*, 137(1), 7-18.
- Frye, N. (2021). *O Código dos Códigos: a Bíblia e a Literatura*. Coimbra: Edições 70 (trad. de Judite Jóia).
- Girard, R. (1988). *La Route Antique des Hommes Pervers*. Paris: Le Livre de Poche.
- Hausen, A. (1972). *Hiob in der französischen Literatur*. Bern: Herbert Lang.
- Himmelfarb, G. (2018). *A Imaginação Moral*. São Paulo: É Realizações (trad. de Hugo Langone).
- Júdice, N. (2007). *Geometria Variável*. Lisboa: D. Quixote.
- Kuriakose, J. (2016). The Book of Job: A Greco-Hebrew Rhetorical Drama. *English Language and Literature Studies*, 6(2), 72-78.

- Lamartine M. A. (1865). *Cours Familier de Littérature*. Paris: chez l'Auteur. <online: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k164389t/f473.item>>.
- Leal, G. (2000). *Fim de um Mundo: sátiras modernas*. Lisboa: Assírio & Alvim (edição de José Carlos Seabra Pereira).
- Leal, G. (2001). *A Mulher de Luto: processo ruidoso e singular*. Lisboa: Assírio & Alvim (edição de José Carlos Seabra Pereira).
- Lourenço, E. (1987). O desespero humanista de Miguel Torga e o das novas gerações. In *Tempo e Poesia* (pp. 75-123). Lisboa: Relógio d'Água.
- Martins, M. (1979). *A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa*. Lisboa: ICALP.
- Mathewson, D. (2006). *Death and Survival in the Book of Job: desymbolization and traumatic experience*. New York / London: T& T Clark International.
- Mendonça, J. T. de (2006). *A Noite Abre Meus Olhos* [Poesia Reunida]. Lisboa: Assírio & Alvim (posfácio de Silvina Rodrigues Lopes).
- Oliveira, A. C. (1932). *Job (Mistério em quatro visões)*. S.l.: Edição de Autor.
- Pereira, P. S. (2012). E do ventre levado à sepultura: Job e as variações em torno do tema da miséria humana na poesia maneirista. In C. O. Martins & M. C. Fraga (eds.), *Camões e os seus contemporâneos* (pp. 419-433). Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos (CIEC), Universidade Católica Portuguesa / Universidade dos Açores.
- Régio, J. (1956). *Biografia* (4ª ed.). Lisboa: Portugália Editora.
- Régio, J. (1965). *Poemas de Deus e do Diabo*. Lisboa: Portugália Editora (1ª ed., 1920).
- Ricoeur, P. (2020). *A Simbólica do Mal*. Lisboa: Edições 70 (trad. de Hugo Barros e Gonçalo Marcelo; pref. de Maria Luísa Portocarrero).
- Saramago, J. (2016). *Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Porto: Porto Ed. (1ª ed., 1991).
- Swindell, A. C. (2023). Job in Literature before 1700. In Ch.-L. Seow (Ed.), *The Many Faces of Job: the Premodern Period* (pp. 469-492). Berlin / Boston: De Gruyter. (Handbooks of the Bible and Its Reception, vol. 5.1).
- Torga, M. (1986). *O Outro Livro de Job* (5ª ed.). Coimbra: Edição do Autor.
- Trebole, J. & Pottecher, S. (2011). *Job*. Madrid: Editorial Trotta.
- Vicente, G. (1972). *Obras Completas*. Porto: Liv. Civilização Editora (coord., introd., notas e glossário de Álvaro Júlio da Costa Pimpão).
- Watt, I. (1997). *Mitos do Individualismo Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (trad. de Mario Pontes).

## Resumo

Neste texto de enfoque teórico e analítico, será pertinente desenvolver uma reflexão em dois momentos complementares. Primeiro, no âmbito das fecundas relações entre a tradição bíblico-religiosa e a tradição literária (teologia literária), cabe repensar a génese da representação da figura de Job – perfil simbólico e características maiores desta construção mitográfica. Em segundo lugar, partindo dos Estudos Teológicos e da sua hermenêutica do discurso bíblico sobre Job, é pertinente sistematizar algumas dominantes presentes em diversas interpretações literárias, em momentos diferentes da Literatura Portuguesa, desde o Classicismo e Maneirismo, até à poesia contemporânea, numa recepção plural e evolutiva.

## Abstract

In this text with a theoretical and analytical focus, it will be pertinent to develop a reflection in two complementary moments. Firstly, in the context of the fruitful relationship between the biblical-religious tradition and the literary tradition (literary theology), it is worth rethinking the genesis of the representation of the figure of Job – the symbolic profile and major characteristics of this mythographic construction. Secondly, based on theological studies and their hermeneutics of the biblical discourse on Job, it is pertinent to systematise some of the dominant features present in various literary interpretations at different times in Portuguese literature, from Classicism and Mannerism to contemporary poetry, in a plural and evolving reception.

